

Obra comum de partidos rivaís

João Carlos Espada

«Obra comum de partidos rivais, a democracia evolui sem revolução. Com meios para mudar sem sobressaltos, tem mais condições para saber preservar».

VINTE E CINCO ANOS DEPOIS DO 25 DE ABRIL NÃO existe um número significativo de portugueses que avalie negativamente o regime político em que vivemos. Essa, em meu entender, é a maior vitória da democracia portuguesa: a de se ter tornado um lar para todos os portugueses, de todas as idades e de ambos os sexos, e qualquer que seja a cor da pele, a religião ou o credo político. Essa é também a primeira e mais funda definição de uma democracia consolidada: a de ser capaz de reunir «a unidade e os afectos da nação», como dizia Edmund Burke, sem anular as inevitáveis diferenças de temperamento, de interesses e de opinião que são inerentes aos homens e às suas associações civis.

Foi por ter conseguido criar este espírito que Samuel Huntington, o célebre sociólogo de Harvard, apontou a revolução do 25 de Abril como tendo inaugurado a 3ª Vaga de democratização à escala mundial. Mas Huntington foi claro ao afirmar que essa inauguração só foi possível graças ao 25 de Novembro de 1975 e à vitória dos moderados sobre os extremistas. Entre 1 de Maio de 1974 e 25 de Novembro de 1975, Portugal assistiu, não à primeira revolução democrática da 3ª Vaga, mas à última tentativa de revolução ao velho estilo soviético de 1917.

É costume perguntar de quem foi então a vitória da democracia portuguesa: da esquerda ou da direita?

Trata-se, de certa forma, de uma pergunta típica do legado intelectual da revolução soviética e, em meu entender, da revolução francesa de 1789. Essas revoluções foram feitas em nome da esquerda contra a direita, e não em nome da liberdade constitucional contra o despotismo.



© BIBLIOTECA/MUSEU REPÚBLICA E RESISTÊNCIA, LISBOA.

Por isso, deixaram um legado de conflitos e ressentimentos estéreis entre uma esquerda e uma direita irredentistas. Mas a democracia portuguesa – tal como, em 1688, a revolução parlamentar inglesa, e, em 1776, a revolução americana – assentou num arco constitucional em que a direita e a esquerda moderadas, permanecendo rivais, se uniram contra os irredentismos. No caso português, sobretudo contra os comunistas e a extrema-esquerda, mas também contra a hipótese de regresso ao pré-25 de Abril. Esta obra comum de partidos rivais – a definição que Raymond Aron gostava de dar à democracia – foi criando gradualmente entre nós uma nova mentalidade, uma nova cultura polí-

tica. Para perceber esta nova cultura política, basta recordar aquilo que a antecedeu. A seguir à II Guerra, por exemplo, Salazar e boa parte das oposições convergiram na recusa do Plano Marshall, revelando certos pressupostos que lhes eram comuns: o anti-americanismo, a desconfiança no mercado e na iniciativa privada, a crença comum de que o Estado, em vez de dever ser supletivo e subsidiário, devia comandar a vida civil.

Graças à abertura intelectual da democracia, os portugueses puderam alargar os horizontes da sua experiência e observação – as quais são, em política, guias muito mais seguros do que a lógica ou a especulação. E hoje todos sabemos que a América e a Europa são parceiros de uma ordem demo-liberal que é a nossa: uma ordem fundada na liberdade sob o governo das leis, a qual compreende uma economia de mercado com uma rede de segurança para todos, e um governo representativo que deve agir segundo o princípio da subsidiariedade relativamente aos indivíduos, às famílias e às instituições civis. Pessoalmente, penso que muito mais pode ser feito na nossa democracia para garantir o carácter supletivo do Estado. Este devia ser menos interventivo na educação, na saúde e na segurança social. E devia ser mais competente e rápido na justiça e na regulação em geral. Mas trata-se apenas de uma opinião, e muitos discordarão dela. Felizmente, não precisamos de concordar, e nenhum de nós precisará de fazer nenhuma revolução para defender a sua opinião. Essa foi a grande virtude do 25 de Abril: como escreveu Lord Macaulay a propósito da revolução inglesa de 1688, o 25 de Abril acabou por dar origem a uma democracia – ou seja, a um regime que evolui sem revolução. E que, precisamente porque tem os meios para mudar sem sobressaltos, é aquele que tem mais condições para saber preservar.



Cronología 25 de Abril